

# GUALTERIANO

Edição  
CÍRCULO DE ARTE E RECREIO  
Rua Francisco Agra

Composição e impressão:  
Tip. Diário do Minho — Braga  
Distribuição gratuita

## EDITORIAL

A Direcção do Círculo de Arte e Recreio, não podia ficar alheia às Bodas de Diamante da Marcha Gualteriana, já que elementos seus por lá passaram e passam.

Assim, os sócios Fernando Miguel, Firmino Mendes e Eduardo Lobo, interessadamente, coligiram os elementos possíveis para historiarem o que foi a Marcha nas suas origens.

Este «GUALTERIANO», para além da homenagem reconhecida aos nossos Obreiros é, também, um agradecimento, uma palavra amiga para a nossa imprensa regional e associações. A primeira, por ser ela detentora dos valores descritivos e, por isso, já do foro historiográfico das nossas Festas; as segundas, as Associações, pelo seu valor e intervenção cultural e sustentáculo dos nossos valores concelhios.

Este «GUALTERIANO» é, por isto tudo, um subsídio histórico para a HISTÓRIA DAS FESTAS DA CIDADE que é urgente fazer.

Os rapazes da Marcha bem merecem esta homenagem pelo muito que têm feito pela Cidade, e pelo pouco ou nada que a cidade tem feito por eles.

Além de tudo, este nosso trabalho insere-se no programa que nos propusemos levar a efeito com o apoio da Direcção Geral de Educação de Adultos.

Assim, é reeditado o «GUALTERIANO», jornal que teve algumas edições, e que vai mostrar, palidamente talvez, o que foi o trabalho dos caixeiros e, agora, obreiros, sacrificando sempre, ao longo de 90 dias, as suas horas de lazer, para fazerem sair, na segunda-feira das Festas, a «menina dos seus olhos». A Marcha, número grande das Festas, custa muito... mas não é cara. Digo com conhecimento de causa, mas há quem diga o contrário, por que nunca passou por lá.

Esta é uma homenagem também merecida ao Padre Gaspar Roriz e ao Artista José de Pina, pelo início que deram, em 1906, com a «sua» Marcha «Aux Flambeaux», e pelo empenho com que lutaram para a sua continuação.

JAIME MARTINS

## OFICINA DA «MARCHA»

### Uma Escola d'Arte Popular

A arte do povo para o povo ou, como o pulsar do quotidiano do trabalhador e da praça política pode ser transmitido pelo burlesco e, ou o dramatismo artístico que o minhoto transporta em si.

As mãos moldam o barro as massas

As mãos transportam para o espaço a imagem

É assim na oficina que faz a

«Marcha Gualteriana» da qual me atrevo a dizer que é uma escola da arte popular cujo suporte está na imaginação e no sacrifício diário das dezenas de operários, dos vários ramos, que dela fazem o mata-bicho das horas livres.

Mas... não só.

Quando entrarmos naquele casarão e vislumbramos as montanhas de coisas ciosamente guardadas e os mil e um gestos das mãos que labutam horas a fio, logo nos

— Segue na pág. 2

## 75 ANOS

## AS GUALTERIANAS

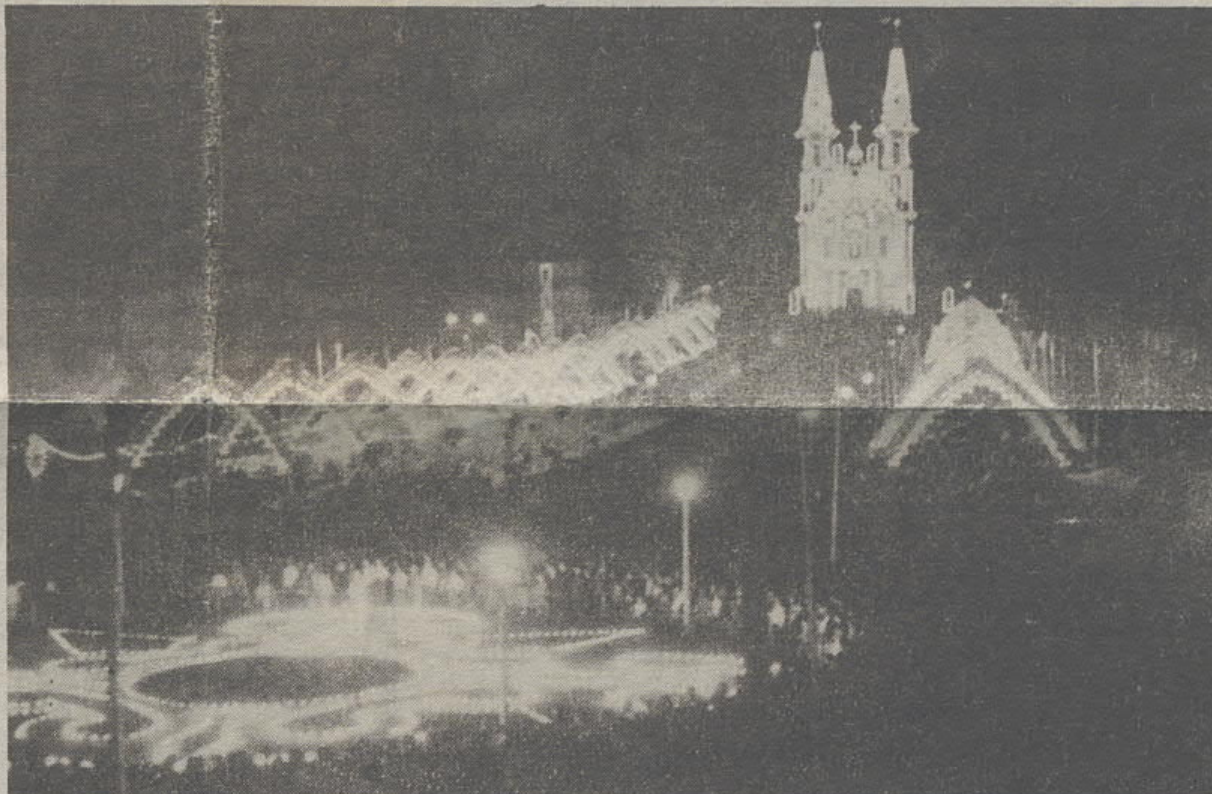
### DE 1906 E 1907

Há 75 anos, as remotas Feiras de S. Gualter, outrora tão famosas, estão na decadência e realizam-se perante o olhar e indiferença da maioria dos vimaranenses. Urge fazê-las ressurgir, sair da «velha

Quem seria capaz de dinamizar o movimento por umas Festas rejuvenescidas? Como combater a apatia reinante no meio vimaranense e conseguir unir o maior número possível de vimaranenses

sua volta que se reunirão os homens que levantarão a primeira Festa da Cidade, em 1906.

Num discurso, pronunciado no terceiro dia das primeiras Gualterianas, em 6 de Agosto, João de Me-



rotínice» e tentar dar-lhe, se não mais, pelo menos tanta animação como a que outrora tivera, em mais de trezentos anos de existência.

em torno deste projecto? João Fernandes de Melo, presidente da Associação Comercial. Apesar de não ser natural de Guimarães, é dele o sonho e a audácia. Será á

lo diz que a Associação Comercial «resolveu promover o levantamento da antiquíssima feira de S. Gualter e, à semelhança do que estão fazendo...»

— Segue na pág. 4

## TESTEMUNHOS

Quando eu era rapaz, ia ver a Marcha na companhia dos meus avós, com quem eu fui criado. Como eu ficava maravilhado com o que via, acontecia que nos dias que se seguiam à Marcha, eu fazia uma marcha em miniatura, cujos carros eram caixas de sapatos, que eu decorava com papel de seda, às

cores. Engatava umas às outras, e exibia a minha marcha no passeio frente à casa onde eu vivia.

Os vizinhos ficavam contentes por verem as minhas habilidades; so a minha avó é que não, porque tinha de entrar com dois tostões para cada folha de papel, e fazer-me a goma num tacho.

Também tinha dificuldade em arrumar os carros, e fazia-o debaixo da minha cama, o que não era cómodo. Ora isto aconteceu anos seguidos e até várias vezes por ano.

Um dia um colega da escola, talvez por o pai ser caixeiro, disse-me:

— Segue na pág. 2

## OS PROMOTORES DAS PRIMEIRAS GUALTERIANAS



José de Pina



João de Melo



P. Gaspar Roriz



Abel Cardoso

# A O S O B R E I R O S

## OFICINA DA «MARCHA»

Vem da pág 1 —  
salta algo no pensamento — esta gente, afinal, representa, tudo: tudo aquilo que é a nossa vida é aqui moldado.

*E aqui  
recebemos uma lição  
mais*

*E aqui  
nos vemos a um espelho  
mais*

*Entre os suores e os calos  
de quem da vida  
faz arte*

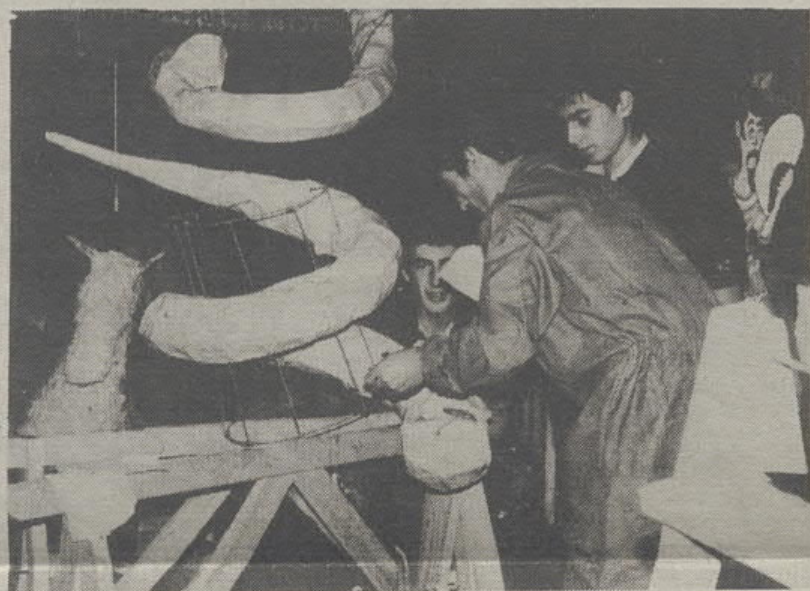
Então, percebemos o valor ex-

uma dimensão que só a mão do artista que molda e pinta sabe realçar.

Bom, falar da oficina que faz a «Marcha Gualteriana» implica falar de montes de coisas e, fundamentalmente, falar das gentes que aí produzem o mundo maravilhoso e genial da arte popular.

Aproveitar, estudar e captar os ensinamentos desses artistas anónimos — essa gente generosa — é o trabalho prioritário que se coloca à juventude interessada no património Artístico-Cultural Popular da região de Guimarães, em particular, e do Minho, em geral.

É a melhor homenagem, o



A Marcha: Uma Escola de Arte Popular

traordinário que tem cada metro de arame, cada litro de tinta, cada quilo de papel... Enfim, é o encontro imediato com os pequenonadas aos quais pouca atenção prestamos no quotidiano mas, que no fundo são a nossa vida — a na arte, esses pequenonadas têm

melhor elogio que podemos fazer às gentes que labutam na e para a «Marcha Gualteriana».

*João Carlos Macedo  
(Animador Cultural)*

Julho, 1981

## TESTEMUNHOS

Vem da pág 1 —

— Pá... tu podias ir trabalhar para a Marcha, eu tenho ido algumas vezes e levo-te comigo.

Aproveitando aquela oferta, lá fomos os dois, um dia à noite. Tinha eu 15 anos. Entrei lá dentro, pasmado, a olhar para tudo, a ver como era possível fazer coisas tão bonitas.

Então ouvi uma voz, lá do fundo: — Queres trabalhar, meu menino?

Eu respondi logo que sim. Era o Sr. Fonseca que me perguntou logo o que eu sabia fazer. Eu respondi logo que tinha feito o Ciclo, e tive Trabalhos Manuais, tirando sempre boas notas.

Então ele deu-me logo uma lata de goma, uma trincha e pôs-me logo a forrar papel de jornal, o que não era mau para eu entrar.

Então fui andando e fui levando colegas de café comigo, formando uma equipa. Em 1966 foi-nos confiado o acabamento de um carro que era o «Império Romno», sendo um êxito.

Mais tarde, dava um programa infantil na televisão, que era o Carrocel Mágico, e eu quis transformar esses desenhos animados em figura ao vivo, e consegui-o. O «Ambrósio» o «Saltitão», «A Tia Anita» e o «Franginhas», que foi a figura mais difícil de executar, porque era um cão e tinha de levar dentro um rapaz que fazia o trajecto todo da Marcha de joelhos.

Este número custou-me muitas sessões, sózinho porque era surpresa, e na última noite não fui à cama para o deixar pronto.

O público vibrou e aplaudiu-o, e

foi então aí que eu pensei em ir mais longe.

Entretanto, trabalhava ao lado de bons mestres como Benjamim Ferreira e o Sr. António Lima, já falecido.

Nos anos que se seguiram tirava números vivos com o célebre casal «Mila & Milhão», com o qual o público delirava. Então as Direcções actuais elegeram-me para a Direcção, e prenderam-me ao sector dos números vivos, de que eu não gostava muito, porque a minha paixão era pela confecção dos carros. Em 1973, fui eleito tesoureiro devido a uma crise de elementos que iam desaparecendo, isto quando a Marcha deixou de ser feita exclusivamente por caixeiros, e começou a ser feita por obreiros, porque lá estavam muitos rapazes da Indústria como eu.

Nos últimos anos, idealizei alguns carros como «Fantasia Africana», «Os Descobrimientos Portugueses», «Artes Plásticas» e dois carros dedicados à «Criança».

No último biénio, fui convidado pelo Presidente da Marcha para Vice-Presidente, mas eu não aceitei; porque prejudicava o trabalho das oficinas e não beneficiava o de secretaria, visto eu trabalhar na «Indústria».

A Marcha Gualteriana, na ideia de muita gente, é um desfile de carros e números vivos, que aparecem naquela noite e desaparecem logo, sem se aperceberem como ela é confeccionada.

Os anos continuaram a passar e, em 1980, fui feliz com o carro «O Minho», que idealizei e confeccionei com uma boa equipa.

Este ano de 81 é o ano em que eu tenho de dar o máximo de esforço

e sacrifício aos milhares de forasteiros e Vimaraneses que nesta noite invadem a nossa querida terra para ver a Marcha na sua edição n.º 75.

«Isto é Carnaval», é o meu melhor carro de sempre: 9 meses



debruçado sobre desenho e peças, não esquecendo os números de humor que faço sem ter vontade de rir e não esquecendo a equipa que tem colaborado comigo nestes últimos anos.

Agradeço-vos por nos virem aqui descobrir, para transmitir ao público que a Marcha é feita por rapazes que nestes meses estão isolados de todos os lazeres, e sacrificam as suas famílias.

J. PANTALEÃO

Guimarães 25 de Julho de 1981

## ENTREVISTA COM LAURENTINO TEIXEIRA

Laurentino Teixeira, um homem bem conhecido pela maioria dos vimaranenses, começou nos anos 30, quando tinha apenas 11 anos, a ver a Marcha por dentro. Frequentava, então, a Escola Industrial Francisco de Holanda, local onde a Marcha era confeccionada, com o apoio dos bombeiros.

«Aconteceu assim muito naturalmente: vi e por lá fui ficando». — Declarou-nos o sr. Laurentino, em entrevista a «O Gualteriano». E continuou: «Depois da tropa regressou à Marcha e, quando fui para presidente do Sindicato dos Caixeiros, fiquei como presidente da Marcha. Isto, por volta dos anos 50».

A sua vida está muito ligada à Marcha e às Gualterianas: «Andei mais de 20 anos embrenhado no Sindicato dos Caixeiros e, ao mesmo tempo, na Marcha».

Conhece-a por dentro, como dissemos atrás. Viveu-a intensamente; passou por muitas das dificuldades

que a Marcha, ao longo dos anos, atravessou. Foi obreiro no meio dos obreiros e fala-nos deles e daqueles que mais o sensibilizaram.

«Sem querer esquecer nomes, para não melindrar ninguém, recordo os artistas José de Pina e António Lima. Lembro, com saudade, o «Ricoca» e conheço os vivos dedicados: lembro o Eduardo Eugénio, que ainda hoje trabalha, depois de uma longa ausência; o Chico Correia, que tomará parte num carro alegórico da Marcha 81; João Nobre, Figueiredo Abreu, o Monteiro, o Abel (Tesoureiro), o Benjamim Ferreira, os «compadres»... e muitos mais que continuam em actividade e a quem não posso deixar de prestar a minha homenagem.

Recordo o José Maria, embora não devesse falar dele por ser meu filho. É sobejamente conhecido por todos os obreiros dos últimos 20 anos. Pela sua sensibilidade artística, imaginação e dedicação sem

limites, o José Maria foi «pedra» que dificilmente será esquecida na Marcha. Infelizmente, foi vítima da sua devoção à Marcha e às coisas de Guimarães, o que o levou a ser operado, já por duas vezes, ao coração.»

Falámos depois dos lugares por onde as instalações da Marcha passaram durante estas dezenas de anos de existência e Laurentino Teixeira explica-nos:

«A Marcha começou por ser feita na Escola Industrial Francisco de Holanda, sempre com o apoio da «parada» dos Bombeiros Voluntários. Mais tarde, por volta de 1963, começou a ser confeccionada no palacete de Vila Floi, hoje Universidade do Minho, por deferência da firma Bernardino Jordão & Filhos, durante dois ou três anos.

Depois, dada a falta de alojamentos, houve que pensar a sério em novas instalações, e, eu mesmo, des-

cobri uma pequena instalação fabril, explorada pelos herdeiros do saudoso António Pimenta Machado e propriedade da família do capitão Amado. Entrei em contacto com ambas as famílias, as quais foram excepcionalmente receptivas à ideia da cedência das ditas instalações, muito embora estivesse em curso um grave litígio entre elas. Após um trabalho a sós, que durou cerca de dois anos, finalmente a Comissão de Fundos «Pró Casa da Marcha» adquiriu o imóvel, onde hoje está armazenado um património fabuloso que anteriormente era impossível conservar, inclusivamente os próprios bonecos de arame eram amolgados de forma a se tornarem irreconhecíveis por quem os tentasse roubar.

Os fundos que a Comissão «Pró Casa da Marcha» conseguiu amealhar foram provenientes, em especial, dos rendimentos dos «Reis» dos caixeiros, que foi pena terem

acabado, em 1968. Mais tarde, houve que recorrer a um grupo limitado de pessoas que suportou a despesa em falta para o compra do imóvel. Na data, esta aquisição foi valiosíssima para a Marcha, embora agora já não o seja, por escassez de espaço para a confecção e armazenagem de peças e outras condições (serviços, higiene e segurança, pois já tem sido assaltada por várias vezes)».

Ficamos a conhecer um pouco mais da Marcha e da sua Casa. Exige-se atenção a esta manifestação cultural popular. Só esperamos que a Escola da Marcha, aberta, inclusive, aos alunos das escolas, integrados nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Oficinais, deixe de ser apenas um projecto e passe a ser uma realidade, um espaço cultural de oficinas artísticas, de educação permanente das populações, de preservação dos valores criados pelas nossas gentes.

## RECORTES

«(...) Vai tomando notável incremento a ideia do ressurgimento da Feira de S. Gualter e dos grandiosos festejos que se devem realizar nesta cidade nos dias 4, 5 e 6 de Agosto.»

(em «O Independente» de 27 de Maio de 1906)

«(...) a feliz ideia do desenvolvimento da Feira de S. Gualter, está a despertar ao povo vimezanense um cuidado pouco vulgar, trazendo tudo alvoroçado, num contentamento digno de mencionar-se, arremetendo-se dia a dia essa fogueira, esperança de se verem realizadas as suas feiras e grandiosos festejos.»

(em «O Independente» de 24 de Junho de 1906)

«(...) à entrada da Avenida do Comércio está em construção o magnífico Arco Árabe que na sua forma e elegância vai causando admiração (...).»

(em «O Independente» de 22 de Julho de 1906)

«(...) a Marcha com que os caieiros o ano passado saíram para

a rua num dos dias festivos, foi uma manifestação colectiva e uma saudação de homenagem e preito à Associação Comercial. E assim há-de continuar a ser. (...).»

(em «O Comércio de Guimarães» de 17 de Maio de 1907)

«(...) Na Marcha Milanese, promovida pelos empregados do comércio desta cidade, e que deve produzir um efeito surpreendente, devem ir distribuídos em seis grupos e acompanhados por seis bandas de música e mais de duzentos membros daquela importante agremiação, conduzindo milhares de focos luminosos e figuras alegóricas cantando o Hino da Cidade feito pelo nosso amigo senhor Vasco Leão, sendo a letra do Rev. Padre Gaspar Roriz, grande entusiasta das mesmas festas. (...).»

(em «O Comércio de Guimarães» de 12 de Julho de 1907)

«(...) É ver como esses rapazes se entusiasma com a sua projectada Marcha Milanese (...).»

(em «O Comércio de Guimarães» de 16 de Julho de 1907)

## I MARCHA MILANESA (1907)

Na noite de 5 de Agosto de 1907, pelas 20 horas, saía primeira MARCHA MILANESA. Das mãos engenhosas dos Empregados do Comércio, em noites consecutivas de labor, forjam-se maravilhas, criadas pelo grande artista vimezanense JOSE DE PINA a partir da ideia do Padre GASPAR RORIZ. Estes primeiros obreiros, verdadeiros artistas anónimos, não mais irão parar, trabalhando continuamente na sombra, transmitindo aos novos a técnica, a arte, um saber todo feito de esforço, imaginação e criação permanentes.

Ao longo dos anos, sempre que a Marcha percorre a cidade, quantos de nós se lembraram do suor e sonho escondidos por trás de tantas maravilhas?

Vê-la-emos agora outra vez, saída das mãos esforçadas dos obreiros, que preservaram e desenvolveram aquele esforço primeiro de 1907. Não nos fiquemos apenas pelo olhar.

### PROGRAMA

I: Aautos; II: Escudos da cidade;

III: Saudação; (Acetilene); IV: Grupos dos Amores (homenagem às ex.mas Damas Vimezanenses); V: Fogos de bengal; VI: Banda de música, com corno — Arvore (Acetilene); VII: Grupo das Papoilas; VIII: Fogos de bengal; IX: Grupo dos Malmequeres (Homenagem à formosa mocidade feminina entranha a Guimarães); X: Fogos de bengal; XI: Banda de música — Arvore (Acetilene); XII: Grupo das Rosas (Homenagem às raparigas das classes populares trabalhadoras); XIII: Fogos de bengal; XIV: Grupo das Lágrimas (Saudade aos ausentes); XV: Fogos de bengal; XVI: Carro alegórico O Comércio; XVII: Banda de música — Arvore (Acetilene).

**Itinerário:** Saída da Escola Industrial, segue pela rua de Paio Galvão, Toural (poente), S. Francisco, S. Dámaso, Oliveira, rua da Rainha, Toural (nascente), rua de Santo António, S. Luzia, Gil Vicente, acaba na Esc. Industrial Francisco D'Holanda.

### (NOTAS HISTÓRICAS)

As feiras existentes em Guimarães desde os primeiros tempos da monarquia, manifestam a actividade comercial e provam irrecusavelmente o desenvolvimento económico que o berço da monarquia atingiu na idade média.

A denominação de Campo da Feira, pela qual já em 1928 é conhecido o sítio que ainda hoje conserva o mesmo nome, aponta-nos um dos lugares onde o povo acorria para realizar as suas transacções.

Vem a propósito dizer que o autor da história Seráfica caiu em erro atribuindo a origem desta designação ao facto de neste local se realizar a Feira de S. Gualter, que só teve começo no séc. XV. O descobrimento de um documento no arquivo da nossa Colegiada habilita-nos a fazer esta rectificação, corrigindo o erro que em tempo comemos fiados na afirmativa deste escritor.

Antes de nos ocuparmos do assunto principal deste artigo, a feira de S. Gualter, que, com empenho tão louvável e tão patriótico, neste ano se faz ressurgir da decadência em que se afundara, apontamos o estabelecimento de algumas feiras

## FEIRA DE S. GUALTER

que por concessão dos nossos monarcas se criaram em Guimarães. Algumas novidades daremos aos nossos leitores.

El-Rei D. Afonso III estando em Guimarães estabeleceu por carta de 16 de Maio de 1258 quatro feiras anualmente no termo do Castelo com a duração de quatro dias cada uma. Estas feiras, extintas por D. Fernando em 20 de Setembro de 1369 e substituídas por uma semanal na vila de Guimarães, foram restabelecidas pelo mesmo rei três anos depois, a vinte de Julho de 1372.

El-Rei D. Afonso IV estabeleceu uma feira franca anual que duraria um mês desde 1 a 30 de Abril. Não consegui apurar a data desta criação, sendo de conjecturar que fosse estabelecida em 1355, ano em que este rei esteve em Guimarães. Esta feira foi reduzida a 8 dias e fixado o seu começo na primeira oitava da Páscoa por el-rei D. João II em virtude de o requerimento dos procuradores de Guimarães apresentado em cortes, provavelmente, em Santarém em 1483.

Quer das primeiras, quer da segunda-feira não restam hoje lembranças algumas; aquelas desapa-

receram certamente a definitiva incorporação do Castelo na jurisdição de Guimarães no tempo de D. João I; esta não conseguiu salvar-se apesar de reduzida em duração e das tentativas para o seu ressurgimento.

Com fundamento pode conjecturar-se que a nova feira de S. Gualter criada 31 nos antes, fez desaparecer a antiga feira criada por D. Afonso IV.

Esta nova feira, que recebeu a denominação, que ainda hoje conserva, por coincidir com a época em que se realizavam imponentes solenidades religiosas em honra de S. Gualter, foi criada por D. Afonso V a 16 de Abril de 1452, que a cercou de muitas e valiosas franquias e privilégios (...), e lhe deu a duração de 10 dias, desde 7 a 17 de Agosto. El-Rei D. Manuel transferiu-a em 28 de Março de 1498 para os dias 15 a 25 do mesmo mês a requerimento dos Vimezanenses, que para esta mudança invocaram a conveniência de que ela começasse ao mesmo tempo que uma romagem que então se fazia.



de 1369 de el-rei D. Fernando decretando um único povo e concelho. As duas vilas, unidas enfim pelos

anos, são Guimarães, pequena e bela cidade repousada num vale verdejante, encerrando em si toda a história de um povo, nas velhas ruas desgastadas, nos monumentos que dominam a cidade, nos pedregulhos aguçados de muralha e também nos campos coloridos de um verde monótono, em quadriculas debruadas a árvores.

Nos tempos da dinastia afonsina, as gentes do Condado, das terras Vimezanenses, tinham como actividades primordiais a agricultura, cujos trabalhos campesinos eram acompanhados por esses bichos de trabalho e força, pachorrentos, delicados e companheiros. Também por isso, tinham a atenção afanosa do homem que os preparavam para as Feiras Francas. Lavados, escovados, de cornos polidos e fitados multicores, desciam dolentemente à vila para o despique de figura. Sob latadas, frescas de sulfato, ouvindo, de quando em vez, cantar águas de fontes ou regos, por caminhos e campos como pequenas formigas confluindo ao formigueiro, as gentes ó redor, de farnel ajustado, cavaquinho ao ombro, embalado por cantares a modo, cada grupo se preparando para, também eles, mostrar suas modinhas.

## TALVEZ NAO SAIBA...

... Que a Comissão das Gualterianas de 1906 era composta por João Fernandes de Melo, António Ferreira Ramos, José Fernandes da Costa, José de Freitas Costa Soares, Camilo Laranjeiro dos Reis, Simão Ribeiro; Torquato Ribeiro de Faria, Albano Pires de Sousa, António Araújo Salgado e Albino Pereira Cardoso.

... Que os primeiros Presidentes das Festas Gualterianas foram João de Melo (1906 e 1907), João R. Loureiro (1908 e 1909), João G. Pereira (1910), Eduardo M. d'Almeida (1911 e 1914) e G. A. Barreira (1915).

... Que o dia 4 de Agosto de 1906 é o DIA UM das Gualterianas e que nesse dia, um sábado, de manhã, duas bandas de música vimezanenses, a «Boa União» e a «Nova Filarmónica Vimezanense», percorreram as ruas tocando o Hino da Cidade, chamado também «Hino dos Festejos da Cidade».

... Que no dia 19 de Julho de 1925, quando a Marcha era trans-

portada para o Porto, para se integrar nos festejos de S. João, foi assaltada por centenas de vimezanenses que despedaçaram tudo e, no fim, gritaram «vitória», quando tudo estava inutilizado. E que esta reacção bairrista e provinciana de não deixar sair a Milanese para o Porto se deveu, principalmente, às atitudes anti-vimezanistas do iluminador Bernardo Barreira, que já tinha levado a Marcha a Vila Real e Lamego e, agora, sem qualquer licença da direcção da Associação Comercial, a queria levar para o Porto, tendo, inclusive, declarado que «levaria a Marcha Milanese a toda a parte para assim perder o seu cunho de originalidade».

## DAS FEIRAS DE S. GUALTER À FESTA DA CIDADE

«Vila de Guimarães  
Quatro vilas ó redor  
Vila Pouca, Vila Verde  
Vila Nova, Vila Flor

Muita gente das aldeias. Foguetes. Cascos de Vinho. Mesas de doces. Nas mãos dos lavradores o seu lodão ou marmeleiro, tangedor. Os bois vaidosos das suas cangas, prestavam-se ao despique, silenciosos na presença ruidosa dos seus donos. O Alfredo da Cruz de Argola; o Freitas de S. Torcato; os de S. Estêvão de Briteiros, os de S. Tiago, os de S. Maria de Atães... eram assim as feiras neste burgo neste Campo da Feira.

Em sossego, esquecidos do bolício contagiante, Marias com Maneis a derreterem-se em arrufos amorosos de compromissos casamenteiros. E se os atrevimentos eram considerados em afronta, ou o verde vinho corria em excesso dos pipos, por razões de gado ou até por ajustamento de contas de freguesias desavindas, os paus voavam nas mãos calejadas dos lavradores audazes, num voltejar da contenda, o povoleu dispersava, acorria a tropa — e o folguedo continuava. Tendeiros de doce alvo e pirolitos; de rosca e rosquilhos açucarados, faziam novamente o seu pregão. Noutro lugar tocadas e dançadores desafiavam-se com seus passos eletrizados, onde o suor respinga de alegria; sobrepondo-se ao burburinho, cantadores ao desafio questionam-se em guerras de versejar campesino, ufano e manhoso.

Nestas feiras e romarias medievais, jograis e saltimancos vindos não se sabe de onde, mostravam habilidades desconhecidas a gentes que espantadas, seguiam o «espectáculo». Jograis e Jogralesas, renovavam o seu repertório de cantigas onde nunca faltava a vida cantada (tanta vezes imaginada!) dos santos patronos dessas gentes. E neste burgo em festa, lá se encontravam também os dos mestres; os dos coiros e curtumes; os sapateiros da rua Nova; os dos pentes e cutelarias.

Neste burgo em festa, destas feiras de gado saíam os materiais para as nossas industrias primeiras: os coiros, peles curtidas, raspadas e tintas para os lados da ribeira (... de coiros), os chifres, o corno, para os cabos de talheres das cutelarias, para pentes e travessas de cabelo.

E nesta Festa, se forja a história do trabalho deste burgo milenário.

Abade de Tagilde  
(em «INDEPENDENTE»,  
de 5 de Agosto de 1906)

A propósito...

## AS FESTAS DA CIDADE

Estamos em tempo de comemorações. À partida predispostos euforicamente para vibrar, participar na festa que se vislumbra de «arromba». Mas melhor que nos deixarmos enlevar pela onda contagiante de festejos, é necessário sim que participemos, conscientes da verdade, das necessidades reais que transpiram das nossas festas.

Ao voltar a página da história honrosa destas bodas de diamante, que melhor altura teríamos para refazer as nossas Festas? Encontrar solução adequada para a verdadeira escola artística que é o «barracão» da Marcha; repensar no seu verdadeiro valor social, turístico e cultural as Gualterianas; pensar atempadamente nas necessidades económicas e organizativas. Muito mais é de fazer e neste canto do Minho temos forjados os homens e os valores para fazer o que é de direito, com qualidade. João Fernandes de Mello, José de Pina, Gaspar Roriz, Abel Cardoso as figuras públicas, e os obreiros, os trabalhadores, os vimezanenses que ao longo dos tempos e da história nos deram lições de valor onde as obras são páginas inolvidáveis do nosso quotidiano.

Daí o nosso repto. O que é bom deve ser melhor. O que é mau, vamos transformar. E este desafio já não é de hoje como a seguir se mostra:

«Nestes dias de festas não queremos dar a nota discordante chamando a atenção dos leitores de «O Regenerador» para assumptos graves e pesados. É certo que reparamos que o tempo não vai positivamente para fogueiros — ainda mesmo dos que como os actuaes redundam em directo benefício para a terra. Mas não queremos que nos chamem desmancha-prazeres e por isso daqui nos associamos, dentro dos limites devidos, às Festas da Cidade. Todavia desejamos accentuar que era bom que a nossa municipalidade saísse da rotina e que os nossos dirigentes de festas se compenstrassem que mesmo no meio de festanças ha-

um alcance social a atingir. Assim as festas devem ser não só pretexto para activas trocas commerciaes e para divertimento do publico, mas também para estímulo dos sentimentos estheticos do povo. Se os que para ahí muito papagueiam sobre as festas se dessem ao trabalho de um pouco de estudo do que as festas são e do que devem ser, fallariam por certo menos e produziriam melhores obras. As festas publicas em Portugal limitam-se ao caricatural fogo de vistas e ás imprescindiveis illuminações a capricco. Os cartazes são um attentado ao bom gosto, as feiras uma porcaria irritante, os divertimentos uma pochade burlesca.

A vida social cada vez se complica mais e mais se aproxima do fim moral a atingir; e o melhor processo a seguir é, na verdade, estimular as qualidades artisticas das multidões. Mas não querem ver que me ia alongando em considerações graves?

(20 Julho — 1909.  
«Regenerador»)

R. P.»

### GUALTERIANAS, ENTÃO... QUE FUTURO? ALTERAR OU PRESERVAR?

Por que não repor, as grandes ideias que nos vêm das Exposições Agrícolas e Industriais de 1884, 1910 e 1923?

Por que não expôr, de um modo organizado, os produtos fabricados na região de Guimarães? Em vez dos amontoados e fastidiosos abarracamentos, desligados do nosso sentir cultural, teríamos, isso sim, os produtos incontáveis das nossas empresas industriais, e unidades agrícolas, sem esquecer os nossos valores artesanais.

Assim, os Vimezanenses conheceriam melhor o que têm e o que produzem; os visitantes com certeza, descobririam o que define Guimarães como região laboriosa e voltada para o futuro. As Gualterianas estariam muito mais próximas de nós e seriam espelho fiel da nossa realidade concelhia.

## S. GUALTER

1217-1219 Foi enviado de Itália para Portugal, na continuação da obra de S. Francisco de Assis.

1220 Era improvisado um coito junto à Fonte Santa, nas abas do monte de Santa Catarina (Penna), como poiso e abrigo para conselhos e prédicas aos que a ele, S. Gualter, recorriam.

1234 Aqui virá a falecer, supondo-se para isso a data de 30 de Junho deste ano.

1271 A concorrência à sua sepultura, leva à sua canonização, sendo nesta data transferido o er-

mitério para uma albergaria ou hospital agarrado às muralhas.

1452 Foi então criada por D. Afonso V a feira de S. Gualter, dando-lhe a duração de dez dias e privilégios vários.

1577 Com a trasladação solemne das reliquias de S. Gualter no primeiro domingo de Agosto e fixada nesta data, até aos nossos tempos esta comemoração.

1621 A 5 de Abril, Gregório XV concedera indulgências na festa de S. Gualter aos fiéis que a ela assistiam.

Vem da pág 1

do todas as cidades que desejam o desenvolvimento progressivo do seu comércio e da sua indústria, resolveu também aproveitar este ensejo para realizar a Festa da Cidade». Renovas-se a Feira de S. Gualter, projecta-se algo de novo: a Festa da Cidade.

Tudo começou em princípio de Maio, desse ano de 1906, numa reunião da Associação Comercial. O objectivo é também criar ocasião de fazer progredir e engrandecer a cidade. A cidade movimentava-se, a imprensa da época não perde nenhuma ocasião para incentivar e tecer elogios aos dinamizadores da Festa; João de Melo e a direcção da Associação Comercial; Abel Cardoso e José de Pina, dois artistas vimezanenses que colocam a sua arte ao serviço das festas, desenhando, criando, compondo; os empregados do comércio e a sua Associação de Classe.

A primitiva Feira de S. Gualter torna-se «atraente e convidativa», milhares de pessoas acorrem às Festas. A propaganda tinha sido ampla e os jornais de Lisboa e Porto iam anunciando o programa e a grandeza dos festejos, graças a uma comissão que diariamente enviava notícias para todos os jornais. Anibal Vasco Leão compõe o Hino das Gualterianas, logo conhecido como Hino da Cidade.

E chegam os grandes dias de 4, 5 e 6 de Agosto. A caminhada difícil parecia terminar ali, mas durante esses três dias a Comissão não pára, Abel Cardoso e José de Pina retocam ainda, buscando a perfeição, e os empregados do comércio resolvem fazer uma surpresa e engrandecer publicamente a João de Melo e à Associação Comercial... A surpresa será a Marcha Luminosa, com balões venezianos e copinhos minhotos, nos quais trabalham afanosamente. Será esta brincadeira alegre que, exigindo continuação, dará origem, no ano seguinte, à primeira Marcha Milanesa, importada pelo Padre Gaspar Roriz, que tinha estado presente na Feira Industrial de Milão, em Itália.

Guimarães acorda, num sábado de Agosto, dia 4, para a Feira e para a Festa. Acorda ao som dos foguetes e das suas bandas de música que percorrem a cidade, tocando o Hino que Anibal Vasco Leão havia propositadamente composto. As principais ruas e largos estão enfeitados com bandeiras, escudos e galhardetes. Começa, nessa manhã do primeiro dia, a feira de gado bovino, que se prolonga pelo dia fora. Bandas de música tocam pela cidade, No Largo do Tournal e no Campo da Feira. E chega a noite e o arraial minhoto. A igre ja dos Santos Passos está toda iluminada e à sua luz se dança e canta, se esquecem dias e dias de canseiras no campo, nas oficinas e nas primeiras fábricas que estão nascendo. Foi longa a noite, só terminada às duas horas da manhã, nesse sábado de há 75 anos, dia um das Gualterianas.

No dia seguinte, a cidade acorda com música e foguetes, como no dia anterior. Os bombeiros, estreado fardas novas, movimentam-se na cidade. São setenta praças e 13 viaturas que vão fazendo

## 75 ANOS

## AS GUALTERIANAS

um simulacro de incêndio. Mas o dia é também da feira de gado cavalari e, à tarde, será a vez da tourada. As bandas não param. A noite chega e é então que surge a supresa da Marcha Luminosa, organizada pelos empregados do comércio. Três bandas de música a acompanham e os rapazes passeiam os seus archotes e balões e vão, saídos da sua sede, agradecer à Associação Comercial, ali a dois passos, a iniciativa destas primeiras Gualterianas.

Na Praça D. Afonso Henriques, realiza-se ainda, o arraial minhoto, com prémios para as melhores festadas (exibição popular de dança, formada por seis pares, transportando os homens castanholas e as mulheres estrelajando os dedos e em que a parte intrumental é constituída por duas rabecas, um clarinete vareiro, três violas da lavoura, dois cavaquinhos e dois violões de aldeia e acompanhado por duas canas de «bonecos» e dois cantadores populares). Nessa noite de 5 de Agosto de 1906 a melhor festada viera de S. Torcato.

No Jardim do Tournal, a Banda de Infantaria 20 actua até à uma hora da manhã, tocando peças várias, entre as quais o 'Hino dos Festejos Gualterianos' de Anibal V. Leão.

E, terminado o domingo, a segunda-feira começa com música e foguetes como nos dois primeiros dias. A feira de gado cavalari continua e no fim, há a distribuição dos prémios. Chega, no princípio da tarde, a Banda Marcial do 37 de Múrcia, vinda de Espanha para um final em beleza das primeiras Festas da Cidade. Às 16.30 é a hora da tourada e, depois, o concerto no Jardim do Tournal.

E as primeiras Festas de Guimarães, acabaram nas barracas do Campo da Feira, nas ruas iluminadas da Rainha e de S. Dámaso, dos largos do Tournal e D. Afonso Henriques. Tinha-se realizado o «sonho lindo» de João de Melo.

\*\*\*

Com a Primavera de 1907, renasce o entusiasmo e a expectativa. Começam a surgir na imprensa as primeiras manifestações desse movimento para as segundas Gualterianas. No dia 22 de Março, «O Comércio de Guimarães» publica um artigo sobre «As Próximas Festas Gualterianas». O mesmo jornal, incia uma série de artigos sobre o mesmo tema e não há nenhuma semana em que as Festas sejam esquecidas.

Em 10 de Maio, surge a primeira opinião sobre o desenvolvimento a dar à Marcha Luminosa («aux flambeaux») do ano anterior. É o Padre Abílio Passos, director desse bissemanário vimezanense, que a publica:

«Essa Marcha 'aux flambeaux' ou 'retraii' pode como preito de homenagem tomar maior vulto, e pode facilmente dar-lho essa laboriosa e activa classe.

Seja ela a sua oferta para as festas, e assim entendemos que esse número deve fazer parte do programa, sendo bem conhecida de todos a noite em que faz, hora e ponto de partida, ruas que terá de percorrer convite a todas as classes artisticas

e industriais que nela queiram tomar parte com as suas bandeiras, e obter-se, para o seu maior brilhantismo, o valioso concurso dos bombeiros voluntários com seus carros iluminados e, até, se possível fosse, como tem havido em muitas terras em idênticas ocasiões, licença para que os soldados de Infantaria 20 nela também tomem parte.»

Os caixeiros respondem que «essa Marcha foi no ano findo e deverá ser no presente, de iniciativa única da classe». Os empregados do comércio entendem, assim, que deverão ser eles o motor de todo o processo e assim acontecerá de facto.

Em 11 de Junho, «O C. de Guimarães», através de uma segunda carta de «Um Caixeiro», indica que «foi oficialmente nomeada uma comissão para tratar do número a apresentar nas grandes festas». Será esse grupo que vai ter com o Padre Gaspar Roriz que, vindo da Feira Internacional de Milão, na Itália, lhes dá a ideia de reproduzir criativamente, em Guimarães, a Marcha de encerramento que vira nessa cidade italiana: será a Marcha Milanesa. Os rapazes do comércio entusiasma-se e, sob a orientação artística de José de Pina, trabalharão afanosamente. O Padre Roriz escreve a letra para o 'Hino da Cidade' e, em fins de Julho, é já publicado todo o programa das Gualterianas.

Nos dias 3, 4 e 5 de Agosto, desse ano dois da Festa, Guimarães povoa-se. No Campo da Feira, onde as barracas de divertimentos não faltam, tem lugar a feira do gado bovino. Assim começa o primeiro dia. Quatro Bandas de música tocam, há fogo de artifício e aeróstatos. Às 21 horas haverá a «Retraite» (marcha de despedida) pela companhia dos Bombeiros Voluntários, acompanhada pelas bandas que tocam o Hino da Cidade, a Marcha dos Bombeiros Voluntários e a novidade que é a «Marcha Gualteriana», do maestro alemão Neuparth.

No domingo, é a vez da feira de gado cavalari, da tourada, do exercício dos Bombeiros e, à noite, há cinematógrafo na Praça de D. Afonso Henriques, há «árvores de fogo e bonecos» na mesma Praça, músicas em todo o centro da cidade e, ainda, o concerto pela Banda da Guarda Municipal de Lisboa.

Na segunda-feira, há grande arraial no Campo da Feira, de tarde, com três bandas de música, corridas de gargalhada, bonecos de fogo, descantes e danças populares.

Há ainda torneio de tiro aos pombos, na praça de touros e, quando a noite chega, é a vez da Marcha Milanesa, a supresa maior destas Gualterianas.

Neste ano de 1907, as Festas terminam com a repetição do concerto anterior pela Banda da Guarda Municipal de Lisboa.

João de Melo, o «piloto da nau», Abel Cardoso, José de Pina e Emiliano Abreu, podem finalmente, passear. Mas, como eles, centenas de outros trabalharão, inventarão, produziram. Continuarão anónimos, por certo, mas sem eles (empregados do comércio, sobretudo) as Gualterianas ficariam na «velha rotina».